

## A MÔNADA DE LEIBNIZ E O PRINCÍPIO DA HARMONIA PREESTABELECIDADA

Arthur Leandro da Silva Marinho\*

**Resumo:** O presente artigo consiste em descrever a concepção de mônada apresentada nos escritos filosóficos de Leibniz. A definição de mônada, proposta pelo filósofo Leibniz, é uma grande invenção da modernidade. Sabendo disso, nossa proposta visa examinar o conceito de mônada nos escritos filosóficos de Leibniz. A seguir, apontamos para a definição do Princípio da Harmonia Pré-estabelecida no sistema filosófico de Leibniz. Acreditamos que as relações entre as noções de mônada e o Princípio da Harmonia Pré-estabelecida alicerçam o sistema filosófico de Leibniz.

**Palavras-Chave:** Leibniz. Modernidade. Mônada. Princípio da Harmonia Preestabelecida.

## THE MONAD OF LEIBNIZ AND THE PRINCIPLE OF HARMONY PRE- ESTABLISHED

**Abstract:** The present article consists of describing the monad conception presented in Leibniz's philosophical writings. The definition of monad as proposed by the philosopher Leibniz is a great invention in modernity. Knowing this, our proposal aims to examine the concept of monad in Leibniz's philosophical writings, next, we point to the definition the Pre-established Harmony Principle within Leibniz's philosophical system. We believe that the relations between the notions of monad and the Principle of Pre-established Harmony underpin Leibniz's philosophical system.

**Keywords:** Leibniz. Modernity. Monad. Principle of Pre-established Harmony.

A atualidade do pensamento de Leibniz consiste na introdução do conceito de mônada no quadro metafísico da modernidade. Na sua obra *Monadologia*, ele começa caracterizando o que seriam as mônadas. Vemos que elas são substâncias simples, sem partes, e o mais intrigante, no nosso ponto de vista, é que elas não apresentam extensão. Não sendo materiais, Leibniz deixa bastante claro que devemos entendê-las antes como força, ou seja, uma pulsão. Também as mônadas, justamente porque são criadas por Deus, são sem extensão e imperecíveis. É apenas por aniquilamento que as mônadas se extinguem, portanto, as pulsões, ou melhor, as mudanças internas de uma mônada jamais podem ser alteradas por qualquer outra. Vemos deste modo que as mônadas

---

\* Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor do Departamento de Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: arthurlsmarinho@hotmail.com.

jamais recebem qualquer influência externa e, deste modo, deve haver algum princípio de pulsão interna que abarque a multiplicidade na unidade da mônada.

Leibniz estabelece que as mônadas são os verdadeiros átomos da Natureza, além disso, existe uma multiplicidade de mônadas. Sendo assim, as mônadas são substâncias simples que se mantêm como verdadeiras unidades, que ele considera como os elementos constituintes das coisas. Com isso, é visível que ele distingue uma substância simples de uma substância composta. O sistema monadológico de Leibniz forma um só sistema com o sistema da harmonia preestabelecida. Nesse sentido, explica Adelino Cardoso (2016):

As mônadas constituem o alfabeto de um universo em que a máxima variedade é compensada pelo exercício de unificação no qual consiste a ação das verdadeiras mônadas ou unidades reais. O sistema das mônadas forma um só com o sistema da harmonia preestabelecida: uma mônada é um exercício harmônico, uma variação do universo comum, não uma mera diferença ou uma entidade discreta. (CARDOSO, 2016, p. 6).

A novidade na ontologia de Leibniz consiste em definir o que é a mônada, ou seja, que significa essa unidade simples como elemento básico na natureza. A mônada e o princípio da harmonia preestabelecida fundamentam o sistema filosófico leibniziano. Inclusive, esta expressão ‘mônada’ foi resgatada na Filosofia Moderna por ele, justamente para responder a problemática da diversidade de substâncias individuais, como deixa evidente, na sua obra ‘Princípios da Natureza e da Graça’ (2008), § 1-2:

A substância é um Ser capaz de Ação; ela é simples ou composta. A substância simples é aquela que não possui partes. A substância composta é uma reunião de substâncias simples ou Mônadas. Monas é uma palavra grega que significa unidade ou quilo que é único. Os compostos ou corpos são multiplicidades e as substâncias simples – os Espíritos, as Almas, as Existências – são unidades. E deve haver substâncias simples por toda a parte, pois sem o simples não haveria compostos; e, por isso, a totalidade da natureza está repleta de vida. As Mônadas, por não possuírem partes, jamais podem ser feitas ou desfeitas. Elas não podem começar ou terminar naturalmente e, portanto, continuarão existindo enquanto durar o universo, que passa por mudança, mas jamais será destruído. (LEIBNIZ, 2008, p. 1).

A definição de substância para Leibniz parte da compreensão de que a substância é uma força, uma potência e, por isso, é capaz de ação. A substância só pode ser simples ou composta, contudo, Leibniz acredita que só existe o composto porque previamente existiu o simples, ou seja, o composto é justamente o aglomerado das unidades substanciais simples. Assim, o mundo tem que ser o mais variado e diversificado possível das substâncias, por isso, que substâncias idênticas é um absurdo, tendo em vista que fere o princípio da multiplicidade entre as substâncias simples. Na verdade, o melhor mundo possível é o mais variado possível. Este, conseqüentemente, é o melhor mundo possível que foi criado, absurdamente contingente, livre, espontâneo e diverso. Por sua vez, a mônada contém uma diversidade que não pode ser apenas uma agregação de partes, como o composto, mas antes contém uma diversidade que não manifesta conflito com a unidade. Há uma profunda organização na natureza, de forma que, unidade e multiplicidade não se opõem, ao contrário, são manifestações complexas da ordem na natureza. Em outra obra ‘Sobre a Origem fundamental das coisas’, § 1, Leibniz (2008) diz:

Além do mundo, isto é, além do agregado das coisas finitas, existe alguma unidade dominante que o rege e que está para aquele mundo não só como a alma para mim mesmo, ou melhor, como eu para o meu corpo, mas também em um sentido mais elevado. Pois a unidade que domina o universo não apenas rege o mundo, mas também o constrói ou faz; ela é superior ao mundo e, por assim dizer, extramundana. Por conseguinte, ela é a razão fundamental das coisas. Com efeito, não podemos achar em qualquer das coisas singulares, ou mesmo em agregados completos e nas séries de coisas, uma razão suficiente pela qual existam. (LEIBNIZ, 2008, p. 1).

Com isso, vemos que as mônadas são unidades fundamentais que constituem o mundo. Devemos considerar que as mônadas se distinguem umas das outras porque são unidades pulsantes, características que lhes são próprias, e sendo assim, são qualidades que lhes foram atribuídas por Deus no momento que foram criadas. Na verdade, Leibniz está fazendo uso de uma argumentação escolástica na modernidade, tendo em vista o seu espírito conciliador podemos compreender a centralidade do argumento da harmonia preestabelecida no sistema racionalista leibniziano. Cada mônada é uma unidade viva, que tem um movimento próprio, estando todas as mônadas reguladas por

uma ordem perfeita. Esta ordem distingue cada mônada pelos graus de percepções distintas. A razão ordenadora das mônadas é o sistema da harmonia preestabelecida:

Tal razão encontra-se no princípio ordenador do sistema leibniziano – o princípio da harmonia –, que constitui o limite e a condição radical do ser atualmente existente. Leibniz exprime-o com grande acuidade em carta a Magnus Wederkopf, de maio de 1671: “Qual é, portanto, a razão última da vontade divina? – O intelecto divino. Com efeito, Deus quer as coisas que o seu entendimento lhe mostra serem ótimas e as mais harmoniosas e elege-as dentre o número infinito de todos os possíveis. Qual é a razão última do intelecto divino? – A harmonia das coisas. E [a razão] da harmonia das coisas? – Nada.” (CARDOSO, 2016, p. 24).

A ordem e a distinguibilidade entre as mônadas é estabelecida por um intelecto divino que conhece todos os infinitos possíveis. A compreensão de que a razão da harmonia das coisas é o ‘nada’ significa que não uma razão humana que possa compreender a harmonia entre coisas, ou seja, a harmonia preestabelecida é um dado primordial. Como explica Cardoso (2016, p. 24): “A razão da harmonia é nada, quer dizer, não se pode dar uma razão da harmonia porque ela é o dado primordial, o requisito último de todas as coisas, incluindo o próprio Deus.” Todas as mônadas são únicas e suas diferenças estabelecem uma ordem entre elas. Logo, “uma criatura é mais perfeita do que outra na medida em que encontra em si o que serve para dar razão a priori daquilo que se passa na outra, e é por via disso que se diz que ela age sobre a outra.” (LEIBNIZ, 2016, p. 53).

Consequentemente, há uma unicidade entre as mônadas proporcionada pelas pulsões internas. Essa unicidade das mônadas cria diferenças entre elas, ou seja, todas as mônadas são singulares. Sobre a pulsão das mônadas, Heidegger, numa preleção durante o semestre de verão de 1928, realiza uma discussão sobre Leibniz e diz que o problema da substancialidade, como Leibniz propôs, é um problema da unidade, ou seja, da mônada. Este problema se aprofunda na metafísica de Leibniz na medida em que Heidegger vai à busca da unidade que se esconde por trás da substancialidade. Portanto, Heidegger retorna à metafísica leibniziana para manifestar que substância para Leibniz é aquilo que constitui a unidade de um ente. Heidegger entende que este elemento unificador monadológico no ente é a pulsão, pois esta pulsão reúne em si o

múltiplo, como uma tendência para ultrapassagem do diverso para o uno. A pulsão, que é a natureza de um ente, passa a ser entendido como ato de criação.

Ele argumenta que a característica fundamental da mônada é a pulsão, para explicar que as mônadas possuem em si uma ‘capacidade para...’, contudo, esta capacidade da mônada não deve ser entendida como uma capacidade em repouso, mas antes como força já efetivada, que leva à ação a si, a partir de si mesma, não ocasionalmente, mas obviamente por natureza. Portanto, a mônada tem a capacidade de captar a si mesma através da pulsão. É esta capacidade fundamental da mônada de perceber a si mesma e estar aberta para si, que Heidegger entende que na mônada acontece um desvelamento de si, e assim, sobre as mônadas Heidegger diz o seguinte no seu discurso intitulado ‘A determinação do Ser do ente segundo Leibniz’:

Este estar-desvelando-para-si-mesmo pode ter vários graus, desde a plena transparência até o atordoamento e tontura. A nenhuma mônada faltam perceptio e appetitus e, por conseguinte, uma certa abertura para si mesma (que, sem dúvida, não é o co-representar-se-a-si-mesmo), ainda que seja no grau mais baixo. A este corresponde cada ponto-de-vista e conforme a possibilidade de unificação é a unidade cada vez o elemento individuador de cada mônada. (HEIDEGGER, 1971, p. 101).

Heidegger argumenta, com isso, a multiplicidade e variação entre mônadas que por estar-desvelando-para-si-mesma estabelece uma identidade e distinguibilidade entre as mônadas. Em todas as mônadas é assegurado movimentos de percepção e apercepção, que são movimentos distintos. Por um lado, a percepção ocorre por razões mecânicas como um movimento sem que haja consciência de que está ocorrendo. Por outro lado, apercepção é o equivalente a consciência. Consequentemente, apetição é um princípio de movimento interno da unidade substancial monadológica, através deste movimento de mudança entre percepções é que surgem a tendência a algo, ou seja, apetição é um movimento de passagem das percepções e que caracteriza a unidade dinâmica da substância monadológica leibniziana. Por isso, faz sentido a argumentação de Heidegger (1971) de que há na mônada uma abertura para si mesma. Portanto, as mônadas possuem qualidades e ações internas que as distinguem umas das outras, como diz Leibniz (2008) na obra ‘Princípios da Natureza e da Graça’:

Uma Mônada em si mesma e em um instante não pode ser diferenciada de uma outra exceto por suas qualidades e ações internas, as quais não podem ser outra coisa que suas percepções (ou seja, as representações dos compostos, ou do que é externo, no simples) e suas apetições (isto é, suas tendências de moverem-se de uma percepção a outra) que são os princípios da mudança. Pois a simplicidade de uma substância não exclui de modo algum uma multiplicidade das modificações que devem encontrar-se juntas em uma substância simples; e essas modificações devem consistir em uma variedade de relações a coisas externas a ela – tal qual o modo como em um centro ou em um ponto, embora seja completamente simples, encontra-se uma infinidade de ângulos formados através das linhas que nele se interceptam. (LEIBNIZ, 2008, p. 1).

Nesse sentido, o que distingue uma mônada da outra são as suas qualidades intrínsecas, ou seja, são os movimentos internos da mônada. Assim, a dinâmica interna monadológica é organizada através de um movimento de apetição que move as percepções internas da mônada. Por isso, cada mônada tem um movimento interno próprio e único, isso torna a unidade monadológica distinta de outras as outras substâncias simples. Para Leibniz, o melhor mundo possível seria o mundo mais variado possível, em que cada mônada é livre, variada e pulsante. As mônadas são unidades simples e variadas que constituem a exterioridade de forma relacional. Da mesma forma, internamente há na mônada uma infinidade de predicados que são únicos. Este fenômeno de pulsão em si reside sempre num desencadeamento de movimentos (ou pulsões internas) em si que gera uma ação interna; isso significa que essa pulsão é produtiva. Assim, existe na mônada um impulsionamento que leva a uma unificação na substância. Consequentemente, aparecem duas questões fundamentais para compreensão da Monadologia:

1º) em que consiste a originalidade e unificação da pulsão?

2º) como se deve interpretar a substância da mônada, sua unidade e conexão com o Universo?

O fato de toda mônada ter a pulsão de si, significa que ela carrega em si mesma o essencial do seu ser. Sendo assim, como explicar a relação entre as mônadas, já que nenhuma é capaz de oferecer à outra a sua própria pulsão (ou essência)? A resposta é que o impulsionamento de uma mônada é paralelo a outras mônadas individuais e, deste

modo, como o próprio Leibniz (2016, p. 40) explica, “as Mônadas não têm janelas pelas quais alguma coisa possa entrar ou sair.” e, “assim, nem a substância nem o acidente podem entrar de fora numa Mônada” (LEIBNIZ, 2016, p. 40). Estas mônadas são denominadas “enteléquias”<sup>229</sup>, segundo Leibniz (2016):

18. Poder-se-ia dar o nome de Enteléquias a todas as substâncias simples ou Mônadas criadas, pois elas contêm uma certa perfeição (ékhoui tò entelés), há uma suficiência (autárkeia) que as torna fontes das suas ações internas e por assim dizer Autômatos incorpóreos. (LEIBNIZ, 2016, p. 44).

Enteléquias são substâncias, perfeitas, autossuficientes, fonte das ações internas e, o que chama nossa atenção, são incorpóreas. Também na Monadologia, Leibniz (2016) assume a interpretação de Hermolaus Barbarus, tradutor e comentador de Aristóteles no Renascimento, considerando “Enteléquia” no sentido da palavra em latim, ou seja, *perfecti habia*. O termo Enteléquia foi usado primeiramente por Aristóteles para designar o ato final, perfeito e também designa a realização acabada da potência. Leibniz, retoma o sentido da expressão no grego, porém, não descarta a interpretação latina de Barbarus, que o leva atribuir as mônadas uma certa perfeição que lhe tornem autossuficientes, melhor dizendo, autômatos incorpóreos. Com isso, as mônadas são consideradas enteléquias, pois elas são a fonte de suas ações internas, ou seja, elas são substâncias simples e perfeitas porque em si mesmas possuem uma capacidade de se bastar a si mesmas.

Vemos que a enteléquia, ou melhor, a mônada tem como característica a pulsão e, esta por sua vez, reside na substância enquanto brota de um constante exercício de desdobramento de si. Nesta medida, a unidade da mônada não pode ser simplesmente um resultado de agregado, mas antes é uma pulsão constitutiva da substância que estabelece uma unidade. Quanto a isto, Heidegger (1971) afirma que o projeto metafísico da Monadologia consiste em estabelecer o ser do ente. Com isso, é

---

<sup>229</sup> O termo Enteléquia, do grego *εντελέχεια*, foi criado por Aristóteles. Este termo designa o ato concluído em oposição ao ato que está se realizando, e a perfeição que resulta desta completude. Também designa a forma ou a razão que determina a atualização de uma potência. Esta expressão foi retomada por Leibniz, que aplicada a Mônada, adquire o sentido de ato permanente, ou melhor, como princípio de um esforço a fazer. Enteléquia de Leibniz está no tempo enquanto que a de Aristóteles está acima dele. Cf. LALANDE, André. **Vocabulário técnico e Crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.305-306.

necessário com que se pense a formação da ideia de ser. Então, para Heidegger (1971), nós nos relacionamos com o ente, nos reduzimos a ele e, deste modo, nos perdemos nele e somos, ao mesmo tempo, entes.

Heidegger (1971) acredita que nós somos estes entes, porém somos indiferentes ao ente porque o que nos importa é o nosso próprio ser. Na sua filosofia quando Heidegger (1971) trata da manifestação do ser-aí, como modo próprio do eu, de certa maneira, ele se apropria dos argumentos de Leibniz e, estabelece um modelo para unidade de cada ente. O caráter fundamental desta unidade de cada ente é esclarecer o ser do ente, no próprio eu, o que, de certa maneira, está de acordo com o § 11 do ‘Sistema Novo da Natureza e da Comunicação das Substâncias’ de Leibniz (2008):

Além disso, por meio da alma ou forma, há em nós uma verdadeira unidade que corresponde ao que denominamos “Eu”; isso não pode ter lugar nas máquinas artificiais ou em uma massa simples de matéria, por mais organizada que seja. Tais massas somente podem ser pensadas como semelhantes a uma multidão ou um bando, ou como a uma lagoa repleta de peixes, ou como a um relógio composto de molas e rodas. (LEIBNIZ, 2008, p. 4).

Aqui estamos diante do problema filosófico da união da alma com o corpo. Por isso, “As almas agem segundo as leis das causas finais por apetições, fins e meios. Os corpos agem segundo as leis das causas eficientes ou dos movimentos. E os dois reinos, o das causas eficientes e o das causas finais são harmônicos entre si.” (LEIBNIZ, 2016, p. 61). De fato, há uma espécie de unidade entre alma e corpo, que seguem suas próprias leis, e esta unidade entre alma e corpo constitui o ‘Eu’. Isso, nos faz pensar que, por meio desta unidade, não somos máquinas ou simplesmente matéria inteligente.

A alma segue as suas próprias leis e o corpo também as suas; e encontram-se em virtude da harmonia preestabelecida entre todas as substâncias, já que todas elas são representações de um mesmo Universo. (LEIBNIZ, 2016, p. 61).

Evidentemente, Leibniz está fazendo uma forte oposição ao sistema, pois “este Sistema faz com que os corpos ajam como se (por impossível) não houvesse Almas; e as Almas ajam como se não houvesse corpos; e que ambos ajam como se um influísse sobre o outro.” (LEIBNIZ, 2016, p. 61). Vale ressaltar que, Leibniz comparava a

mônada que é indivisível e dotada de caráter pulsivo com o ‘Eu’. A respeito disso, Leibniz torna mais clara esta compreensão no § 30 da Monadologia em que diz:

30. É também pelo conhecimento das verdades eternas e pelas suas abstrações que somos elevados aos Atos reflexivos, que nos fazem pensar naquilo a que se chama Eu, e a considerar que isto ou aquilo está em nós: e é assim que, pensando em nós, pensamos no Ser, na Substância, no simples e no composto, no imaterial e no próprio Deus; concebendo que aquilo que é limitado em nós, é nele sem limites. E estes atos reflexivos fornecem os objetos principais dos nossos raciocínios. (LEIBNIZ, 2016, p 47).

Aqui Leibniz trata dos objetos de nossos raciocínios que se organizam graças aos atos reflexivos. Nós temos conhecimento das verdades eternas por meio dos atos reflexivos que organiza a unidade chamada ‘Eu’. É na própria experiência nascida das mudanças perceptíveis no ‘Eu’, que é tomada a ideia de ser para construção de seu projeto metafísico. O ‘Eu’ é que toma consciência, ou seja, percebe os objetos sensíveis e também a própria atividade do ‘Eu’ que pensa. Assim Leibniz afirma, na Monadologia, que “pensando em nós, pensamos no Ser, na substância, no simples e no composto, no imaterial e até mesmo em Deus, concebendo como sem limites nele aquilo que em nós é limitado” (LEIBNIZ, 2016, p. 47). Parece que, deste modo, o conceito de ser, de verdade e de subjetividade são unidos por ele para podermos possuir, ao voltar para si mesmo, a ideia do ser.

Vimos que as estruturas monadológicas do ser são explicadas pela pulsão. É ela que, determinada como pulsionante, garante-lhe a unidade na medida em que se torna aquilo que impulsiona. Para tanto, a mônada deve ser simples e não apenas um agregado, como ele mesmo diz no § 1-2 da Monadologia:

1. A Mônada de que vamos falar aqui não é outra coisa senão uma substância simples, que entra nos compostos; simples, quer dizer, sem partes.
2. E é preciso que haja substâncias simples, visto que há compostos. Efetivamente, o composto não é outra coisa senão uma amálgama (amas) ou aggregatum dos simples. (LEIBNIZ, 2016, p. 36).

A mônada não tem partes, é simples. Assim, só há o composto a partir da agregação das unidades monadológicas simples. Ora, torna-se evidente que se a

substância é unificante, é porque deve haver o múltiplo que por ela é unificado. Esta pulsão unificadora deve, enquanto pulsiona, possibilitar a capacidade de ser múltiplo. Como o próprio Heidegger (1971) diz em ‘A determinação do ser do ente segundo Leibniz’:

Então, também o múltiplo deve ter o caráter de pulsão, de com-pulsão e impulsionado, de mobilidade como tal. Multiplicidade é movimento, é o mutável e o que está em transformação. O com-pulsado na pulsão é a própria pulsão. A modificação da pulsão, aquilo que se modifica na com-pulsão é o im-pulsionado. (HEIDEGGER, 1971, p. 95).

O múltiplo é pulsão, sendo assim, a multiplicidade representa a constante transformação da mônada. Na pulsão que se origina a própria pulsão mesma. Ou seja, é na pulsão é que se encontra a origem e o modo de ser do mutável. A unificação, então, deve ser anterior àquilo que o múltiplo recebeu na unidade. O que unifica deve antecipar e abarcar a multiplicidade, que estava se multiplicando num âmbito anterior. Deste modo, a pulsão deve ser aquilo que abarca uma dimensão, fazendo com que a mônada seja uma unidade re-presentadora.

A filosofia leibniziana da representação fornece o quadro da relação alma-corpo, que estão um para o outro como representante e representado. A alma representa e o corpo é representado, mas é por meio deste que a alma comunica e se liga ao mundo. Portanto, não há almas separadas, incluindo as almas mais elevadas dos espíritos, que têm a prerrogativa de exprimir não só o mundo, mas também o próprio Deus e de entrar em sociedade com ele, enquanto membros da república universal dos espíritos. (CARDOSO, 2016, p. 27).

Na filosofia de Leibniz, a alma representa. Por outro lado, o corpo é representado, de forma que a alma está para corpo do mesmo modo que o corpo está para alma formando, ambos, uma unidade. Não há alma separada do corpo, sendo assim, toda alma exprime o universo. O caráter representativo da mônada é a sua função unificadora da pulsão. Esta por sua vez, tem que ser aquilo que simplesmente unifica, tornando-se representadora. Deste modo, a representação proporciona uma relação entre alma e corpo.

Assim, embora cada Mônada criada represente todo o universo, ela representa mais distintamente o corpo que lhe está particularmente afetado e do qual ela constitui a Enteléquia: e como este corpo exprime todo o universo por meio da conexão de toda a matéria no pleno, a Alma representa também todo o universo ao representar este corpo que lhe pertence de uma maneira particular. (LEIBNIZ, 2016, p. 56-57).

Assim, há uma ligação do próprio corpo à alma, pois o corpo determina, inclusive, o ponto de vista pelo qual a alma representa o mundo. As almas são princípio de vida, cuja finalidade consiste em representar o universo conforme o seu corpo é afetado pelas pulsões das demais mônadas. O próprio pulsar tem por característica o estático e, com isso, o representar unifica, de tal modo que unifica para si o múltiplo. Por isso deve haver uma multidão no simples, ou seja, há uma mudança constante de estado passageiro na substância simples, há uma pluralidade na mônada, mas não há partes. Assim,

O estado passageiro, que envolve e representa uma multidão na unidade ou na substância simples, não é outra coisa senão aquilo a que se chama a Percepção, que se deve distinguir da apercepção ou da consciência, como se evidenciará no seguimento. E foi nisso que os Cartesianos falharam muito, ao considerarem como nada as percepções de que não nos apercebemos. Foi também isso que levou a crer que só os Espíritos eram Mônadas e que não havia Almas dos Animais Irracionais nem de outras Enteléquias; e que confundiram um longo atordoamento com uma morte em rigor, o que os levou ainda a cair no preconceito escolástico das almas inteiramente separadas e, mesmo, confirmou os Espíritos mal formados na opinião da mortalidade das Almas. (LEIBNIZ, 2016, p. 42).

O conceito de mônada apresentado por Leibniz deve ser entendida como uma crítica as teses materialistas na modernidade. Leibniz está se contraponto aos argumentos dos cartesianos, como também, as suposições da escolástica, fazendo com ele apresente os principais problemas das teses levantadas por estes movimentos. Há um princípio interno na mônada que possibilita mudanças, de forma que haja sempre novas percepções. Uma mônada é diferenciada de outras através de suas propriedades, ações, qualidades internas. Isso significa que a simplicidade monadológica não é uma contradição às multiplicidades infinitas de modificações na substância simples. Enquanto Heidegger (1971) defende que o ‘representar’ também o ‘aspirar a...’ faz parte

da estrutura da pulsão”. Leibniz nomeia o perceptio (representatio) e ainda vai dizer que a pulsão é, em si, um tender para... E ainda, estabelece o significado de ‘apetitus’ como um momento próprio da pulsão, isto é, suas tendências de mover-se de uma percepção a outra, assim como a ‘perceptio’ é a representação dos compostos, ou do que é externo, no simples.

A pulsão originária unificadora se antecipa e unifica a multiplicidade; vemos que a pulsão, que causa a multiplicidade em si, realiza um movimento de ex-pulsão, ou seja, temos na pulsão a origem da multiplicidade. Sendo a pulsão, natureza da substância, Leibniz lembra no § 12 da Monadologia:

12. Mas é preciso que, além do princípio da mudança, haja um pormenor daquilo que muda, que faça por assim dizer a especificação e a variedade das substâncias simples. (LEIBNIZ, 2016, p. 42).

Podemos dizer a pulsão é o princípio de mudança da mônada. Sobre a pulsão, Heidegger comenta na ‘A Determinação do ser do ente segundo Leibniz’ (1971, p. 98):

Pulsão com-pele por natureza para o outro, é pulsão que se ultrapassa. Isto quer dizer: o múltiplo se origina naquilo que (im-) pulsiona, sendo ele mesmo (im-) pulsionante. (HEIDEGGER, 1971, p.98).

Então, a pulsão se oferece como pulsão no suceder, diferente dela mesma, mas com alguma parte dela. Parece que aquilo que a pulsão procura ex-pulsar faz parte de si e, sendo assim, o múltiplo não lhe é estranho, mas de alguma forma faz parte de si. Vemos que ‘apetição’ é uma determinação da Mônada que mantém sua capacidade representadora. Esta tendência manifesta a unidade que antecipa e unifica, unificando em um representar o outro, ou seja, como próprio Heidegger diz: momentos ex-pulsos na pulsão e que se com-pulsam. Assim, “A ação do princípio interno que opera a mudança ou a passagem de uma percepção para outra pode chamar-se Apetição: é verdade que o apetite não poderia sempre chegar inteiramente a toda a percepção para a qual tende, mas obtém sempre alguma coisa e chega a percepções novas.” (LEIBNIZ, 2016, p. 42).

O avanço da “percepção” é uma tendência à ultrassagem, ou melhor, para mudança através da pulsão. Devemos então entender a estrutura da pulsão que é unificante, pois a pulsão compreende nela mesma a percepção. Sendo assim:

No entanto, contrariamente a Descartes, para quem a vida é meramente orgânica, consistindo numa certa chama<sup>16</sup>, Leibniz assume que a vida é também e primordialmente psíquica, exercendo-se através da atividade perceptiva, na qual consiste o dinamismo espontâneo da mônada. Enquanto tal, a mônada é um si percipiente: não um eu que tem consciência imediata de si, mas a unidade de um fluxo espontâneo de percepções. (CARDOSO, 2016, p. 14).

Nesse sentido, Leibniz propõe a distinção entre percepção e apercepção (que é consciência). A percepção é um estado passageiro, que envolve uma multidão na unidade. Por isso, a substância simples, através das representações simples, envolve uma multidão de estados momentâneos, “Leibniz, a percepção inclui uma dimensão de potencialidade que a torna irreduzível à apreensão de um conteúdo determinado. Toda a percepção visa sempre mais do que aquilo que pode realmente alcançar” (CARDOSO, 2016, p. 17). A representação é sempre um estado de passagem, isso significa a percepção é impulsionada pelo movimento da apetição, com isso, é estabelecido na mônada uma dimensão dinâmica. A percepção é comum a todas os seres vivos e, nesse sentido, “ser é agir e agir é perceber. O vitalismo leibniziano desenvolve-se através de uma filosofia da percepção entendida como modalidade originária da ação, cuja natureza é eminentemente expressiva.” (CARDOSO, 2016, p. 17-18). De fato, o que constitui a substância simples são as representações e suas mudanças:

É-se, aliás, obrigado a confessar que a percepção e aquilo que dela depende é inexplicável por razões mecânicas, ou seja, pelas figuras e pelos movimentos. E congeminando que haja uma Máquina, cuja estrutura faça pensar, sentir, ter percepção: poder-se-á concebê-la aumentada conservando as mesmas proporções, de maneira que se possa entrar nela como num moinho. E posto isso, não se achará ao visitá-la por dentro senão peças que se empurram umas às outras, e nunca com que explicar uma percepção. Assim, é na substância simples e não no composto ou na máquina que é preciso procurá-la. De igual modo não há senão isso que se possa achar na substância simples, quer dizer, as percepções e as suas mudanças. É também apenas nisso que podem consistir todas as Ações internas das substâncias simples. (LEIBNIZ, 2016, p. 43-44).

A percepção não pode ser explicada pelas leis mecânicas. A percepção deve ser compreendida como fundamento das substâncias simples. A pulsão é um progresso da

percepção que se impulsiona e quando se ultrapassa a partir de então, é apetição. Levando em consideração que Leibniz estabelece as próprias mônadas como fonte de suas ações internas e autossuficientes, portanto, são autômatos incorpóreas, percebemos que Leibniz se opõe ao sistema cartesiano, ou seja, resiste a ideia de dualidade entre res extensas e res cogitans. Percebemos que as mônadas representam a unidade da alma com a matéria. Na *Monadologia*, Leibniz explica:

Descartes reconheceu que as Almas não podem dar força aos corpos, porque há sempre a mesma quantidade de força na matéria. No entanto, acreditou que a Alma podia alterar a direção dos corpos. Mas foi porque se não conheceu no seu tempo a lei da natureza que implica também a conservação da mesma direção total na matéria. Se ele o tivesse notado, teria caído no meu Sistema da Harmonia preestabelecida. (LEIBNIZ, 2016, p. 61).

O corpo em nada altera a alma, mas a alma pode alterar o corpo. De toda forma, a lei da natureza não se opõe a lei da matéria, ao contrário, a lei da matéria contribui com a lei da natureza para compreensão da estrutura do real. Contudo, na construção do real devemos entender como ocorre a relação entre as substâncias monadológicas. Percebemos que Leibniz instaura uma lei que correlacione a lei da natureza com a lei da matéria, como também, uma harmonia preestabelecida entre todas as substâncias que atuam em perfeita sincronia desde a criação de todas elas. E ainda, Leibniz diz que Deus criou todas as coisas em uma harmonia preestabelecida, manifestando uma relação do criador com as criaturas, como se lê na segunda carta de sua *Correspondência com Clarke*:

Não digo que o mundo corporal é uma máquina ou um relógio que anda sem a intervenção de Deus, e professo absolutamente que as criaturas têm necessidade de sua influência contínua; mas sustento que se trata de um relógio que anda sem ter necessidade de ser regulado, porque senão se deveria dizer que Deus volta atrás. Deus previu tudo e cuidou de tudo de antemão. Em suas obras há uma harmonia, uma beleza já preestabelecida. (LEIBNIZ, 1974, p. 409).

Deus não interfere nas leis mecânicas. Há uma racionalidade que conhece todas as coisas, inclusive, todos os futuros possíveis das criaturas. Se Deus interferisse nas leis naturais não haveria necessidade da lei natural. Todas as coisas estão postas em

ordem perfeita, de forma que há uma harmonia estabelecida antes mesmo da criação delas. Também, novamente, há uma crítica a concepção mecanicista de natureza cartesiana. Deve haver uma racionalidade que ordena e organiza todas as substâncias de acordo com a lei da natureza. Portanto, Leibniz chama esse ordenamento perfeito de Princípio da harmonia preestabelecida.

Como estabelecemos acima uma Harmonia perfeita entre dois Reinos Naturais, um das causas Eficientes, o outro das Finais, devemos notar aqui ainda uma outra harmonia entre o reino Físico da Natureza e o reino Moral da Graça, quer dizer, entre Deus considerado como Arquiteto da Máquina do universo, e Deus considerado como Monarca da cidade divina dos Espíritos. (LEIBNIZ, 2016, p. 63).

A causa eficiente que possibilita o surgimento da substância individual é conciliada com a causa final que aponta a finalidade da substância individual. De forma que há uma harmonia na união da alma com o corpo, como também, há uma perfeita harmonia entre todas as substâncias individuais, que são distintas pelas diferentes graus de percepções. Por isso, Deus é “arquiteto da máquina do universo”, como também, “monarca da cidade divina dos espíritos”. Assim todas as coisas que acontecem conduzam à graça divina. Sendo assim, as mônadas, em suas singularidades, relacionam-se como se não existissem outras. Porém, Leibniz diz que todas se influenciam mutuamente nas suas ações, tendo em vista que há uma lei da continuidade. Esta lei, em curtas palavras, quer dizer que a natureza nunca dá saltos e, deste modo, o movimento da mônada não pode nascer do repouso. Há uma relação de causa e efeito em toda substância individual, de forma que existe uma manutenção da lei da continuidade de qualquer ação da mônada. Portanto, ‘o presente está prenhe do futuro’ (LEIBNIZ, 2016) como se lê na Monadologia e, a partir disto,

Veem-se, aliás, no que eu acabo de referir, as razões a priori por que as coisas não poderiam passar-se de outra maneira. Porque Deus, ao regular o todo, teve em consideração cada parte, e particularmente cada Mônada; a natureza da qual sendo representativa, nada a poderia limitar a representar apenas uma parte das coisas; embora seja verdade que esta representação é meramente confusa no pormenor de todo o Universo e só possa ser distinta numa pequena parte das coisas, isto é, naquelas que são mais próximas ou maiores relativamente a cada uma das Mônadas; de outro modo, cada Mônada seria uma Divindade. (LEIBNIZ, 2016, p. 55).

Deve haver uma razão *a priori* que estabelece o objeto e as modificações do objeto na natureza, ou seja, existe uma razão que compreende todas as substâncias no mundo e como elas são postas no mundo. Deus regula todas as coisas, de forma que a natureza da mônada é representativa e, sendo assim, as mônadas são limitadas nas modificações que conhecemos do objeto. As mônadas tendem a representar o todo, contudo, são limitadas e distinguidas por meio das percepções distintas entre elas. Através do princípio universal da harmonia preestabelecida, cada substância individual exprime exatamente todas as outras por meio das relações de diferenças entre elas. Através desta razão *a priori*, percebemos que o presente é sempre uma continuação do estado anterior da mônada e, portanto, Leibniz acredita que este é o melhor dos mundos possíveis, justamente porque a perfeição consiste no intercâmbio entre a unidade e multiplicidade da substância da substância simples. Segundo Cardoso (2016, p. 26): “Segundo Cardoso (2016, p. 25): “Deus não cria a harmonia, mas é ele próprio harmonia plena e infinita, que comunica a todos e cada um dos seres.” Com isso, vemos Leibniz (1974) tentando uma solução que explique a relação entre diversidade e simplicidade, no ‘Discurso de Metafísica’ diz que:

No que se refere á simplicidade das vias de Deus, esta realiza-se propriamente em relação aos meios, como, pelo contrário, a variedade, riqueza ou abundância se realizam relativamente aos fins ou efeitos. E ambas as coisas devem equilibrar-se, como os gastos destinados a uma construção com o tamanho e a beleza nela requeridos. (LEIBNIZ, 1974, p.80).

Deus faz o melhor possível, conhecer as razões para as escolhas de Deus ultrapassa as forças dos espíritos finitos. A beleza do universo consiste no equilíbrio entre a simplicidade de Deus e a riqueza e variedade das substâncias simples. Assim, o fim de Deus é que manutenção da harmonia preestabelecida para felicidade de todas almas. A harmonia preestabelecida comprova a grandiosidade Deus pela riqueza de variedade de mônadas, multiplicidade, como também, da simplicidade.

No quadro leibniziano, a harmonia universal não podia ser senão preestabelecida, porque ela é a chave do sistema, a condição de possibilidade da relação ajustada entre as coisas: cada mônada se

desenvolve de acordo com uma lei interna, mas simultaneamente a série ordenada dos seus estados é uma expressão das séries infinitas que constituem todas as outras mônadas. A harmonia universal desdobra-se em níveis específicos de ordem, nomeadamente a que regula as relações entre o corpo e a alma ou entre eficiência e finalidade, natureza e graça, inferior e superior. Os graus da percepção formam uma escala harmónica, que acompanha o dinamismo das formas vivas. (CARDOSO, 2016, p. 26).

O princípio da harmonia preestabelecida é universal. A relação entre o princípio da harmonia preestabelecida e a mônada constituem o sistema filosófico leibniziano, por isso, há sentido que o princípio da harmonia preestabelecida seja universal num sistema monadológico. O equilíbrio entre a simplicidade da unidade e a multiplicidade demonstram a beleza da natureza. Portanto, percebemos que para ele este é o melhor dos mundos possíveis porque, ao mesmo tempo, nele encontramos uma identificação entre harmonia e perfeição, assim, sobre a diversidade dos objetos no mundo, ele diz na sua carta a Des Billetes:

Não é necessário, para explicar a multidão das coisas, aumentar a pluralidade dos mundos, porque não há quantidade [numerus] de coisas que não esteja nesse único mundo e, de fato, em qualquer de suas partes. (LEIBNIZ, 2007, p.1).

Entendemos que a mônada é a unidade unificadora das percepções e, portanto, é a percepção que além de unificar também individualiza a mônada. A pluralidade encontra-se na própria mônada. Leibniz acredita que é a reunião entre o uno e múltiplo na mônada que possibilita a distinguibilidade e a harmonia preestabelecida.

Esta Harmonia faz com que as coisas conduzam à Graça pelas próprias vias da Natureza e que este globo, por exemplo, deva ser destruído e reparado pelas vias naturais nos momentos em que o exige o governo dos Espíritos; para castigo de uns e recompensa dos outros. (LEIBNIZ, 2016, p. 63).

O Princípio da harmonia preestabelecida nos leva à compreensão de que todas as coisas, por vias naturais, seguem a lei da natureza e da alma. Esta harmonia organiza as leis físicas da natureza com as leis da moral e da graça. Por isso, Deus é o arquiteto da máquina universal, como também, aquele que sustenta a cidade dos espíritos. Isso

significa que a harmonia preestabelecida organiza as leis da natureza que sua consequência se sinta no reino dos espíritos. Leibniz aproxima as leis mecânicas das leis do governo do espírito, não uma separação ou oposição entre a estrutura mecânica das mônadas com a cidade divina dos espíritos.

### **Conclusão:**

Pudemos perceber que a ontologia monadológica de Leibniz aponta a riqueza das mônadas repleta de pulsões internas. As mônadas se constituem como unidade de fluxo contínuo e espontâneo de percepções, unidades infinitamente ricas em predicados e, ao mesmo tempo, estão configuradas como unidades simples. Isso significa que as mônadas (enteléquias) se distingam uma das outras por causa dos fluxos contínuos de percepções internas, logo, toda mônada é infinitamente rica em percepções diversas, mas também, são distintas e simples. Deste modo, o Princípio da Harmonia Preestabelecida se configura como um princípio central que estabelece a diversidade das mônadas, de modo que não ocorre de existir duas substâncias completamente iguais, justamente porque todas as substâncias completamente semelhantes têm que divergirem internamente, pois internamente todas as mônadas possuem distintas pulsões e representam o mundo de forma diferente. O princípio da harmonia preestabelecida é um princípio forte no sistema filosófico de Leibniz, pois fortalece a tese metafísica de que todas as coisas têm que divergirem. Além disso, o Princípio da harmonia preestabelecida complementa o sistema filosófico de Leibniz com outros princípios, como o Princípio da identidade dos indiscerníveis, e juntos fortalecem a tese filosófica de que a mônada é uma unidade infinitamente simples e diversa. Sendo assim, cada mônada é uma unidade substancial única e não existe outra substância completamente semelhante na natureza, pois deve haver uma distinguibilidade entre as substâncias, mesmo que sejam completamente semelhantes. Por isso, a harmonia entre as substâncias simples é uma condição radical do ser existente, sendo fonte de explicação da relação entre alma e corpo, como também, da diversidade, ordem e perfeição entre as substâncias simples.

**Bibliografias:**

CARDOSO, Adelino. O universo monadológico: natureza, vida e expressão. In: LEIBNIZ. *Monadologia*. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

LEIBNIZ. *Carta a Des Billetes*. Trad. e notas Juliana Cecci Silva e William de Siqueira Piauí. Edição digital, 2007. Disponível: [www.leibnizbrasil.pro.br](http://www.leibnizbrasil.pro.br). Disponível: 20 de mar de 2020 às 15h.

LEIBNIZ. *Correspondência com Clarck*. Trad. E notas de Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção “Os Pensadores”).

LEIBNIZ. *Discurso de Metafísica*. Trad. Marilena de Souza Chauí Berlinck. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção “Os pensadores”).

LEIBNIZ. *Monadologia*. Trad. e apresentação: Adelino Cardoso. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

LEIBNIZ. *Princípios da Natureza e da Graça*. Trad. Fernando Barreto Gallas. Edição digital, 2008. Disponível: [https://leibnizbrasil.pro.br/leibniz-pdf/principios\\_natureza\\_graca.pdf](https://leibnizbrasil.pro.br/leibniz-pdf/principios_natureza_graca.pdf). Acesso: 01 de mai de 2020 às 07h17min.

LEIBNIZ. *Sistema Novo da Natureza e da Comunicação das Substâncias*. Trad. Fernando Barreto Gallas. Edição digital, 2008. Disponível: [https://leibnizbrasil.pro.br/leibniz-pdf/novo\\_sistema\\_da\\_natureza.pdf](https://leibnizbrasil.pro.br/leibniz-pdf/novo_sistema_da_natureza.pdf). Acesso: 01 de mai de 2020 às 06h55min.

LEIBNIZ. *Sobre a Origem Fundamental das Coisas*. Trad. Fernando Barreto Gallas. Edição digital, 2008. Disponível: [https://leibnizbrasil.pro.br/leibniz-pdf/origem\\_fundamental\\_das\\_coisas.pdf](https://leibnizbrasil.pro.br/leibniz-pdf/origem_fundamental_das_coisas.pdf). Acesso: 01 de mai de 2020 às 8h35min.

HEIDEGGER, Martin. *A determinação do Ser do ente segundo Leibniz*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.